

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE – UNIBH

ALBERTO RIBEIRO ALVES

**ANÁLISE DA PROPENSÃO JORNALÍSTICA NA
COBERTURA DO FUTEBOL MINEIRO**

Estudo comparativo do olhar jornalístico do Campeonato Mineiro
acerca dos clubes Atlético e Cruzeiro por meio dos jornais *Estado
de Minas e O Tempo*

Belo Horizonte

2008

ALBERTO RIBEIRO ALVES

**ANÁLISE DA PROPENSÃO JORNALÍSTICA NA
COBERTURA DO FUTEBOL MINEIRO**

Estudo comparativo do olhar jornalístico do Campeonato Mineiro acerca dos clubes Atlético e Cruzeiro por meio dos jornais *Estado de Minas* e *O Tempo*

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina Projeto Experimental em Jornalismo II: Monografia do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. Sob orientação do professor Luciano Andrade Ribeiro.

Belo Horizonte

2008

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”

Renato Russo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1. O FUTEBOL.....	8
1.1 A paixão despertada pelo esporte mais admirado do planeta	8
1.2 Futebol e sua história.....	11
1.3 A visão romântica do futebol.....	14
1.4 Visão Frankfurtiana do Futebol	22
2. O FAZER JORNALISMO E A SUA ESSÊNCIA.....	26
2.1 Jornalismo como referencial de mundo e a relação com a vida social .	26
2.2 Notícias e critérios de noticiabilidade.....	31
2.3 A objetividade da notícia e a ética jornalística	34
2.4 Jornalismo esportivo	36
2.5 O jornalista de esportes	38
3. O FUTEBOL PELA ÓTICA DOS JORNAIS ESTADO DE MINAS E D'O TEMPO	44
3.1 O futebol além dos 90 minutos	44
3.2 Estado de Minas e O Tempo – a concorrência entre os dois jornais	45
3.3 Metodologia	49
3.4 Atlético x Cruzeiro – a análise propriamente dita.....	51
3.4.1 Título jornalístico.....	51
3.4.2 Foto.....	54
3.4.3 Legendas	56
3.4.4 Lead.....	57
3.4.5 Fontes	62
CONCLUSÃO	64
REFERENCIAS.....	67

APRESENTAÇÃO

A partir de categorias analíticas específicas que serão citadas mais adiante, o objetivo desta monografia é analisar o enfoque de um mesmo fato que é dado pelos veículos *Estado de Minas* e *O Tempo*. Entre as hipóteses iniciais deste trabalho, crê-se que, nos bastidores do futebol, as coberturas feitas pela imprensa são favoráveis ao Clube Atlético Mineiro. Dessa forma, foi escolhida a fase decisória dos jogos do campeonato mineiro de 2008, quando Cruzeiro e Atlético foram os finalistas, para o escopo desta análise.

Para tanto, este trabalho de conclusão de curso de jornalismo se dedica a mostrar as muitas diferenças técnicas, semânticas e sintáticas do discurso jornalístico. Após isso, o cenário de comparação se descortina para o leitor de modo a deixar, em suas próprias mãos, o trabalho de concluir sobre essa possível propensão na cobertura de um fato noticioso, no caso, a relação dos dois principais times rivais de Minas Gerais: Atlético e Cruzeiro.

Com o desenvolvimento da tecnologia, os meios de comunicação tiveram que aprimorar seu contato com os torcedores, principalmente pela internet. O torcedor de hoje cobra uma isenção maior do jornalista em relação às coberturas de seus clubes de coração.

Essa cobrança aumentou ainda mais com a difusão do jornalismo *on-line*, que veicula notícias pela rede mundial de computadores com extrema rapidez. A comparação inevitável da linguagem entre os dois veículos – impresso e *on line*

– indica ao leitor uma maior imparcialidade do segundo em relação ao primeiro. Isso fez com que os jornais impressos perdessem um pouco na preferência da população.

Os jornais impressos trazem notícias que já foram veiculadas de outras formas mais ágeis, sejam elas em TV, rádio ou internet. Mesmo assim, com a rapidez das outras mídias, os torcedores ainda querem ler o que os jornalistas dizem sobre seu clube de coração.

Muitos autores acreditam que o caráter político e econômico do futebol influi diretamente no perfil editorial do veículo e na experiência do jornalista. O sociólogo e estudioso da influência do futebol na sociedade brasileira, Roberto Ramos (1984), acredita nessa idéia e coloca o futebol como “ópio do povo”.

Para analisar e discutir tais pressupostos, essa monografia foi dividida em três partes. No primeiro capítulo, foi tratada a essência do futebol de acordo com a essência nomeada de “romântica”. Para tal, entre os autores estudados, destaca-se Hugo Lovisolo (2002), que discute o esporte bretão como formação de identidade e de expressão dos indivíduos.

Em um segundo momento, o enfoque foi para o jornalismo em si e seu fazer. Foram abordados os critérios de noticiabilidade utilizados pelos profissionais da comunicação. Muitas das práticas adotadas no jornalismo justificam as diferenças de enfoque, em noticiários de diferentes Estados, para um mesmo fato, esclarecem os diversos filtros pelo qual o fato passa antes de virar notícia.

O jornalismo esportivo e a vida do profissional da comunicação que lida com esporte e, mais precisamente, o futebol, também foram trabalhados. Paulo Vinícius Coelho (2004) foi o autor escolhido para embasar as análises sobre o comportamento dos jornalistas que trabalham com o futebol.

Para finalizar a parte teórica, a ética foi tratada como quesito relevante, já que a grande influência do futebol na sociedade brasileira se pode refletir nos profissionais da comunicação e provocar distorções na transmissão dos fatos ao público. Os autores escolhidos para embasar teoricamente o assunto são Bucci (2000) e Barros Filho (2001), que abordaram a diferença entre ética e moral, as reais funções dos meios de comunicação e a objetividade da notícia.

No último capítulo, o da análise de caso, os jornais *Estado de Minas* e *O Tempo* foram analisados de acordo com os conceitos trabalhados nas seções anteriores. A proposta foi dissecar as principais ferramentas do discurso jornalístico como título, texto, lead (parágrafo inicial), fotos, fontes e suas legendas. Foi levado em conta se há um jornalismo opinativo ou informativo e quando aparece a opinião do jornal. Também foram verificados o tamanho destinado a cada um, quais jogadores ganham mais destaques, a adjetivação no título, fontes da matéria e no texto que compõem a cobertura dois clubes, Atlético e Cruzeiro.

1. O FUTEBOL

Este capítulo mostrará ao leitor a essência que o futebol desperta aos mais variados grupos sociais e a sua história, desde como ele foi regulamentado na Inglaterra – há indícios que esse esporte já era praticado na antigüidade – e introduzido ao nosso país, considerado por muita gente, como o país do futebol. Para isso, o esporte bretão será discutido em duas visões: a romântica e a frankfurtiana.

1.1 A paixão despertada pelo esporte mais admirado do planeta

O futebol desperta emoções, paixões, polêmicas, discussões, envolve homens, mulheres, jovens, idosos, crianças de todos os níveis e classes sociais, emocionados diante da alegria da vitória ou da tristeza e decepção com a derrota de seu clube de coração, representada pela “guerra futebolística”.

São várias as discussões em torno do assunto. Apaixonantes, racionais, irracionais, acadêmicas. Alguns o explicam como negócio, alienante, cujo objetivo é manipular os sentimentos populares. Outros, como uma magia, uma das sete maravilhas do mundo. Enfim, assuntos que não faltam acerca do tema.

Segundo Witter (1996), esse esporte desperta, além de interesse, grandes paixões. Assim, algumas pessoas guardam em sua memória os nomes dos jogadores de seu clube predileto, sabem quais os anos em que jogaram, lembram dos times adversários, em determinadas épocas.

O futebol ganha grande repercussão na mídia. A maioria dos espaços dos cadernos de esportes dos principais jornais do país é destinada somente a ele. O jornalismo esportivo começou a aparecer no final dos anos 60, quando os jornais criaram editorias específicas para a cobertura esportiva. Os editores passaram a cobrar reportagens mais aprofundadas e menos opinativas e pediam um maior rigor na apuração dos dados. Os repórteres passaram a pesquisar mais. Até então, a cobertura esportiva não era muito preocupada com os fatos.

A página de esportes de 'Crítica', dirigida [pelo jornalista] por Mário [Rodrigues] Filho, era um espetáculo. Numa época [final da década de 20] em que os jornais dedicavam uma ou duas míseras colunas ao futebol e em que tinham o maior dengo pelas regatas, Mário Filho resolveu investir nele. [O diagramador do jornal] Guevara deu-lhe a infra-estrutura gráfica. Acabou com as fotos dos jogadores de terno e gravata, como se estivessem posando para o lambe-lambe. Passou a mostrá-los em ação, numa cena da partida, com as camisas e casquetes de seus clubes. Os closes eram ampliados até o tamanho natural – podia-se contar cada gota do suor que haviam derramado pelo time. E tudo isso com os textos recorridos, as manchetes explosivas e os pontos de exclamação. O futebol, que ainda era amador, passou a vender jornais e transformou os atletas dos outros esportes em potências de segunda classe (CASTRO, 1992, p. 80).

Coelho (2004) afirma que o futebol ganhava espaço nos cadernos esportivos da imprensa em forma de crônicas, transformando fatos em romances e esquecendo muitas vezes da verdade. Segundo o autor, a realidade é a tônica das coberturas esportivas nos dias atuais, porém, a cobertura exige mais que a noção da realidade.

Esse tipo de cobertura sempre misturou emoção e realidade em proporções muito diferentes. É possível fazer uma brilhante matéria de economia falando de futebol. A crise do Flamengo, incapaz de saudar dividas e manter seu orçamento no azul há mais de 10 anos, pode render peça jornalística primorosa e repleta de realidade sobre a administração dos clubes no país. (COELHO, 2004, P. 22)

O autor afirma sentir falta das coberturas do passado:

A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa retornar ao cotidiano das páginas esportivas. (COELHO, 2004, P. 23).

A profissionalização crescente do futebol e a melhoria das condições dos atletas - desenvolvimento da tecnologia do esporte (equipamentos, conhecimento científico, preparação física, fisiológica e psicológica), criação de departamentos estruturados (médicos setorizados, nutricionistas, auxiliares técnicos, chefes de delegação e gerentes de futebol) -, além da melhoria da tecnologia de cobertura do esporte (transmissão ao vivo, *replays*, câmeras de ângulos diferentes, microfones ambientes, satélites, celulares e *notebooks*) forçaram uma maior capacitação dos profissionais da mídia, que passaram a sofrer uma cobrança maior de especialização e conhecimento de todas as áreas do esporte.

Hoje, com o advento da tecnologia e tantos veículos e opções, a cobrança dos leitores, internautas, ouvintes e telespectadores por uma isenção clubística é grande. Caso contrário perde-se o público. Jornalistas que ainda não conseguem se desvencilhar de suas opções pessoais não conseguem se firmar, a não ser em programas especificamente criados para promover rivalidades.

O leitor de hoje cobra fotos de igual tamanho para clubes rivais, manchetes de igual destaque, teor informativo e isento na descrição dos jogos. A paixão é sinônimo de falta de credibilidade e a arma dos torcedores é o envio de mensagens eletrônicas com reclamações.

Para Witter (1996), o torcedor é sempre favorável ao seu próprio universo. Sua paixão não lhe permite análises mais objetivas. E futebol sem paixão não existe.

Para Coelho (2004), os jornalistas – também conhecidos como setoristas – que cobrem o dia-a-dia nos clubes de futebol, na maioria das vezes não consegue uma notícia que seja novidade para os torcedores. Por esse motivo, qualquer coisa que sirva para criar polêmica pode ajudar no processo de construção da notícia, como declaração bombástica, entrada mais forte de reserva em titular, discussão ou uma simples forma de um funcionário do clube trabalhar.

1.2 Futebol e sua história

Segundo Witter (1996), não é possível determinar de forma precisa as origens do futebol. Nas cavernas da pré-história, há pinturas que poderiam remeter a ele. Em algumas regiões do Extremo Oriente, há mais de 2.000 anos, praticava-se um esporte que lembra o futebol, chamado Kemari. Na Grécia, em Roma e em toda a Europa, durante a Idade Média, tem-se notícia da prática de jogos semelhantes.

O futebol moderno teve seu berço nas universidades inglesas. Segundo Witter (1996), o esporte era praticado pelos estudantes provenientes das camadas ricas que freqüentavam as *public schools*. O jogo de bola tornou-se um lazer organizado de maneira autônoma.

Até 1830, os jogos conservavam as características originais: uma organização difusa, informal, sem regras escritas. Com o advento da industrialização, desenvolveu-se um processo de mudanças, nas *public schools* que terá

conseqüências decisivas sobre a prática do jogo. Estabelece-se um novo tipo de relações codificadas entre os estudantes. O jogo recebe também regras precisas, escritas: determina-se o tamanho das bolas, os limites do campo, o numero de jogadores, a duração do jogo etc. Essas regras são utilizadas até hoje.

O futebol no Brasil foi introduzido, em 1894, por Charles Miller, brasileiro, filho de pais ingleses. Charles estudou na Inglaterra e, em 1893, aos 19 anos de idade, estreou como centroavante numa seleção do condado de Hampshire, que enfrentou um famoso conjunto de amadores, o Corinthians inglês.

Ao retornar ao Brasil, Charles Miller encontrou em São Paulo, seu estado natal, apenas um clube, o São Paulo Athletic, que só oferecia a prática do *cricket*. Como havia trazido duas bolas da Inglaterra, Miller tentou difundir o futebol. Foi ele também o criador do drible ou passe com o calcanhar. Com a iniciativa de Charles Miller, outros clubes foram surgindo e vencendo a indiferença e os preconceitos, tornando possível a difusão do futebol no Brasil.

Segundo João Saldanha (1971), Charles Miller teria sido maior do que o Rei Pelé. Para Saldanha, Charles Miller não foi apenas um jogador de extrema habilidade. Mais do que isso, ele tinha o perfeito domínio das regras do futebol da época e apitava os jogos realizados, inicialmente, no São Paulo Athletic Club, clube que reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway.

De acordo com Witter (1996), o ano de 1894 marca oficialmente o início da prática do futebol em nosso país. No entanto, segundo o autor, há informações de que já praticava o esporte bretão no Brasil.

As partidas de futebol teriam sido jogadas no litoral de Pernambuco e de Santos e em São Paulo. Os times adversários teriam sido organizados por marinheiros ingleses e por brasileiros residentes nesses locais. Essas informações são difíceis de serem comprovadas, porém devem ter muito de verdade. (WITTER, 1996, P. 10)

A prática do futebol no Brasil era praticada no início, pelos filhos de famílias com posses, a elite em formação no final do século XIX e início do século XX. Segundo Witter (1996), era necessário ter recursos para adquirir as chuteiras e dividir as despesas com a compra das bolas e dos uniformes. Era material importado de outros países e não custava barato.

Por volta de 1900, o futebol ganhou popularidade e rapidamente se expandiu por todo o país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Entre os mais antigos, está o Rio Grande F.C., que disputa com a Ponte Preta (ambos de 1900) o status de ter sido o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática de futebol, com estatutos e regulamentos.

Depois, vieram do Rio de Janeiro o Fluminense (1902), Flamengo (1911) – o clube foi criado em 1895, mas a prática do futebol aconteceu somente em 1911 –, o América-RJ, o Bangu, o Vasco da Gama; no Rio Grande do Sul, o Grêmio (1903) e o Internacional (1909); Em Minas, surgiram o Clube Atlético Mineiro e o Vila Nova em 1908, o América 1913 e, um pouco depois, o Cruzeiro Esporte Clube, em 1921 e assim por diante.

Impôs-se também, a idéia de fundar uma organização que coordenasse as partidas entre elas: a federação. Segundo Witter (1996), tudo começou também na Inglaterra, em 1865, com a F.A. (*Football Association*). Formaram-se comitês, elaboraram estatutos que regiam a vida interna dos clubes, estabeleceu classificação entre as equipes e jogadores etc. Em 1904, as organizações européias criaram a FIFA, que tornou-se o órgão centralizador e de referência na prática do futebol internacional.

No Brasil, a primeira entidade fundada com o objetivo de organizar o futebol foi a Federação Brasileira de *Sports*, criada em 8 de junho de 1914. Em 1916 passou a se chamar Confederação Brasileira dos Desportes. Ela regulamentava e dirigia as modalidades esportivas do país. Aos poucos, cada esporte foi fundando sua confederação até a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que rege o futebol brasileiro até hoje.

1.3 A visão romântica do futebol

Fábio Franzini (2002) analisa o futebol pela perspectiva romântica, através das idéias do escritor Gilberto Freyre. O autor valoriza a idéia de Freyre, que coloca a presença do mestiço como o grande responsável pelo diferencial do futebol brasileiro, ou seja, a mistura de raça do povo brasileiro é considerada a responsável pela criação do famoso futebol arte.

De acordo com Franzini (2002), a popularização do futebol promoveu mudanças a partir dos anos 30. Neste momento, desponta uma nova leitura acerca do futebol, que acabaria por se transformar em uma espécie de senso comum que prevalece até hoje.

Segundo Franzini, Gilberto Freyre definiu a brasilidade futebolística a partir da contraposição entre um padrão de cultura formal, racional, ponderada que seria dos próprios europeus, e outro, que seria do característico da índole mulata definido como individualista, emocional e compulsivo. Brasilidade do futebol não surgiu gratuitamente, mas da confluência de uma perspectiva intelectual, teórica, com a verificação empírica do modo diferente que os jogadores brasileiros corriam atrás da bola (FREYRE apud FRANZINI, 2002)¹.

O relato de Franzini (2002) aponta a importância na mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira. A partir daí, surgiu uma reflexão sobre as bases de uma verdadeira identidade coletiva.

Franzini mostra como foi a repercussão da obra “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, por todo o Brasil. Segundo Franzini (2002), a obra recebeu dezenas de elogios por parte de grandes nomes da literatura brasileira.

O autor associa o futebol – uma prática popular da cultura brasileira, aos elementos de Gilberto Freyre, que se referem à mestiçagem do povo brasileiro. Franzini diz que o fato de Gilberto Freyre ter mencionado essa ascensão dos mulatos no meio futebolístico, no qual a origem era elitista e européia, já é um requisito para explicar o estilo diferente dos brasileiros na prática do futebol.

A calorosa acolhida da nova e “verdadeira” identidade coletiva, mestiçamente definida, proposta por Gilberto Freyre explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da história do Brasil. Ao equilibrar os antagonismos sócio-raciais do passado sem anular a especificidade das diferenças, o escritor pernambucano ia ao encontro da demanda social (e também política) do presente, colocando a velha e problemática questão nacional em novos – e atuais – termos: nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isso é motivo de orgulho, não de vergonha. (FRANZINI, 2002, p. 2).

¹ FREYRE, Gilberto. “O negro no futebol brasileiro”. In: FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. IX-XII. (1964)

Neste momento, Franzini (2002) começa a associar o futebol, uma prática popular, que se transformou em expressões da cultura brasileira, com os elementos de Gilberto Freyre, que se referem à mestiçagem do povo brasileiro. A ascensão dos mulatos nos esportes praticados no Brasil, principalmente, o futebol, é apresentada pelo autor através da citação de uma frase de Gilberto Freyre em seu livro “Sobrados e Mucambos”. Franzini (2002) diz que o fato de Gilberto Freyre ter mencionado essa ascensão dos mulatos no meio futebolístico, no qual a origem era elitista e européia, já é um requisito para explicar o estilo diferente dos brasileiros na prática do futebol.

De acordo com Franzini (2002), esse estilo diferenciado de jogar futebol foi apresentado na Copa do Mundo disputada na França, quando o Brasil jogou com a Polônia e a Tchecoslováquia. Ele afirma que foi, nesse momento, que Gilberto Freyre teve a oportunidade de explicar o porquê de tanto encantamento por parte dos europeus para com o nosso futebol. Os nossos passes, os nossos desarmamentos, os nossos floreios com a bola, os traços da dança e da capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol eram atribuídos ao mulatismo dos nossos jogadores.

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo de dança. Dança dionisiaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de

dança, em que a pessoa se destaca e brilha. (FREYRE *apud* FRANZINI, 2002, p. 4)².

Franzini (2002) afirma que, na primeira metade da década de 1940, Freyre consolidou a sua visão de futebol como um dos paradigmas do Brasil. Mas as dimensões e o alcance da influência dessa visão só foram sentidas em 1947, com a publicação de “O Negro do Futebol Brasileiro”, do jornalista Mário Rodrigues Filho. Mário foi um dos inventores da imprensa esportiva moderna e seu livro traça a história do futebol carioca do amadorismo ao profissionalismo.

Para o autor, não é exagero algum afirmar que as raízes do país do futebol como conhecemos hoje não se afirmaram e desenvolveram graças aos pés dos jogadores e ao coração dos torcedores apenas, mas também à cabeças de intelectuais como Freyre, que desde o início do século XX, pesaram e pensam a essência do futebol além de seus significados aparentes.

Em seguida, o autor afirma que a visão futebolística de Gilberto Freyre, como um dos paradigmas do Brasil, é consolidada em 1940. Entretanto, a influência dessa visão somente serão sentidas em 1947, quando o jornalista Mário Rodrigues Filho publica o livro “O Negro no Futebol Brasileiro”³ Isso porque o livro do jornalista coloca a presença e o papel do negro, nos gramados brasileiros, como fundamentais para entendermos o desenvolvimento da integração entre nosso povo, já que o processo de integração dos negros em um esporte importado pelas elites foi bastante conflituoso.

Por fim, Franzini (2002) relata o destaque que Mário Rodrigues Filho (1964) atribui para alguns jogadores mestiços que se destacaram no futebol brasileiro,

² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 7a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

³ FREYRE, Gilberto. *O negro no futebol brasileiro*. In: FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. IX-XII, 1964.

como Arthur Friedenreich, e Leônidas da Silva, filhos de pais europeus com mães negras. Além desses atletas, são citados pelo jornalista dois dos maiores jogadores brasileiros, Pelé, negro, e Garrincha, mestiço.

Para Hugo Lovisolo (2002), nos últimos 30 anos, o futebol passou por três viradas centrais na argumentação: do fundamento no interesse para o da identidade, da função da alienação para a da expressão da autenticidade e da avaliação moral negativa para a positiva.

Até a década de 80, o futebol era considerado como uma “variante do ópio dos povos”. Nessa época, a visão sobre o esporte era influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt⁴, que consideravam o futebol como uma poderosa força de alienação dos dominados, de distanciamento, de verdadeiros emancipatórios.

Lovisolo (2002) afirma que os esportes eram compreendidos a partir das relações sociais de produção e poder, da dinâmica de classes sociais, com duas noções chaves profundamente relacionadas: alienação e controle.

O resultado geral, era o domínio de uma forte tendência a se considerar o esporte espetacular como funcional para a dominação de classes, quer sob prisma da alienação e controle do mecanismo básico de deslocamento de interesses, quer sob o menos freqüente do efeito espetacular de mobilidade social, a ilusão de ascensão social mediante o esporte. (LOVISOLO, 2002, p. 02)

As crenças dos amantes dos esportes sobre os mesmos eram radicalmente diferentes das sustentadas pelos analistas. Lovisolo (2002) denominou essas junções das noções chaves com a posição do observador como perspectiva iluminista crítica. Segundo o autor, cresceu, em oposição ao iluminismo crítico,

⁴ Movimento filosófico, de cunho cultural, social e de estudo, estabelecido na década de 60, em Frankfurt, Alemanha, que questionou todo o processo de produção, emissão e recepção da mídia a partir da chamada indústria cultural.

uma perspectiva marcada pela antropologia e a história, sobretudo por suas aproximações antropológicas, pretendeu entender o fenômeno esportivo sob a perspectiva dos de dentro, dos nativos, dos que sentem amor pelo esporte.

Essa perspectiva domina hoje uma interpretação quase oposta:

O futebol, e de modo geral o esporte, tornou-se espaço de formação de identidades e de expressão do nacional ou regional, de participação e pertencimento, de emoção e prazer, de recreação, criação e imaginação. Nesse sentido, o futebol passou a ser visto como expressão identitária e cultural que pode estar ao lado de outras artes populares, criando-se afinidades entre tango e futebol e samba, carnaval e futebol. Mais ainda. De modo geral, o esporte passa a ser considerado como arte, embora como qualitativo de popular. Temos, portanto, uma significativa mudança, um conjunto de viradas, nas interpretações ou teorias postas em jogo para analisar o esporte. (LOVISOLO, 2002. p. 03)

O futebol e o esporte são como expressão identitária e cultural que pode estar ao lado de outras artes populares, em contrapartida da teoria crítica, que analisa o futebol e esporte como uma poderosa força de alienação dos dominados.

Ao invés de alienação e controle, as palavras chaves passam a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz. A importância que ganhou a discussão dos estilos nacionais aparece como exemplar metonímico do conjunto das mudanças. O futebol, passou a ser exaltado por popular, participativo e enquanto expressão autêntica de cultura ou ser nacional. (LOVISOLO, 2002, p. 04)

Essa perspectiva trabalhada e defendida por Lovisolo (2002), de que passamos do domínio da crítica radical, no qual os autores que trabalham nesse sentido, situando-se dentro de seus efeitos, com sentimentos e emoções positivas em relação ao esporte é denominada pelo autor como romântica.

Já fazendo uma visão antropológica, Lovisolo (2002) relata sobre a sedução dos analistas pelo objeto, no caso específico, o futebol. Segundo ele, os

analistas aparecem como enamorados, entusiasmados, seduzidos pelo esporte.

Não raro, os cientistas sociais passam a relatar anedotas e 'causos' da mesma forma que torcedores e jornalistas. Não poucos, lembram um repertório invejável de dados e 'estórias'. Esse domínio do emotivo, esta paixão pelo objeto que se expressa mediante formas narrativas ficcionais, sugiro que aproxima, pelo lado popular, o cientista social do torcedor e do comentador esportivo (LOVISOLO, 2002, p. 06).

Lovisoló (2002) compara as formas de manifestação dos críticos de arte e futebol. Segundo ele, os críticos da arte devem manifestar sua paixão e sentimentos positivos pela arte, embora possam ser negativos em obras particulares. Da mesma forma, segundo Lovisoló (2002), pode-se afirmar sentimentos negativos diante de um jogo de futebol. Assim, a epistemologia da crítica artística parece demandar com condição de produção do conhecimento a relação emotiva com seus objetos.

Para o autor, o que os torcedores, jornalistas esportivos e críticos da arte têm em comum é a emoção em relação ao objeto. Isso significa que, mediante a emoção, situam-se na perspectiva dos de dentro, do pertencimento ao campo de significados das obras que analisam. Para falar com autoridade da arte ou de esportes, é necessário amá-los de alguma forma.

É necessário sentir o pertencimento ao campo de suas práticas e sentidos. A epistemologia que professam afirma que apenas se pode falar desde dentro. Acreditam que a perspectiva dos de dentro, dos que amam ou gostam, é superior àquela dos de fora, os distanciados ou diferentes. Temos, assim, uma reviravolta na relação com os modelos anteriores nos quais a emoção ou 'apareciam' ou eram simplesmente negativas. (LOVISOLO, 2002, p.07)

Para Lovisoló (2002), os jornalistas esportivos, diariamente, manifestam seus amores e reclamam por mudanças que melhorem o campo do esporte. Reconhecem a ambigüidade, sobretudo ética, do esporte. Contudo, acreditam

que podem fazer dele alguma coisa melhor, depurá-lo do lado negro fazendo que aumentemos o respeito voluntário pelas regras e diminuamos a violência e torcedores, por exemplo.

O autor defende o ponto de vista de que a relação emotiva atual com o esporte no campo das ciências sociais está levando em direção de teorias ou interpretações que destacam seus traços positivos. Segundo Lovisolo (2002), da mesma forma que uma nova religião pode apenas manifestar uma vontade de superação das falhas da antiga, jamais uma eliminação dos aspectos centrais da religião.

A várzea motiva o devaneio saudosista ou nostálgico de um passado que foi melhor, mais simples e natural e que se perdeu. Para Lovisolo (2002), na romantização da várzea, os sentimentos anticapitalistas, antiburgueses, de desconformidade com a sociedade atual e os sentimentos populistas encontraram um campo favorável de elaboração e manifestação. A saudade da várzea anda lado a lado com a crítica e a mercantilização do futebol e mesmo sua tecnificação.

É necessário que observemos o futebol de forma controlada, como mandam os manuais de pesquisa. Alguém inventou de que o futebol era um lugar bom de paixão, de emoção, de superação do tédio e essa formula pegou. Para ele, o futebol nasceu para o brasileiro e isso corresponde à imagem de sermos alegres, descontraídos e concentramos nossas emoções no gosto pelo futebol, o que nos fez ser tolerantes, pacíficos, não inventamos guerras religiosas, nem políticas (LOVISOLO, 2002).

Para o autor, nosso gosto pelo futebol tornou-se funcional para a ordem moral. Desde crianças, escolhemos nossos times de coração e o seguimos fielmente, diferente da política e da religião, onde não somos fieis ao extremo.

1.4 Visão Frankfurtiana do Futebol

Ao contrário de Franzini (2002) e Lovisolo (2002), que trabalham o futebol numa visão romântica, Roberto Ramos (1984) analisa o esporte bretão como negócio, indústria. Ele apresenta o futebol como um exemplo para a classe operária. Isso porque é atribuída a esse esporte uma eficácia no sentido de imbuir o trabalhado No senso de coletividade, disciplina, valorização ao tempo e à competitividade. O fato do futebol se tornar empresa ou se industrializar, tornando-se demasiadamente dependente do poder financeiro, acaba sendo deixado de lado à criatividade dos atletas, a alegria do esporte e a espontaneidade, sendo tudo pré-programando.

O autor destaca como o futebol é utilizado pelos governos para desviar a atenção da população diante dos problemas que afligem o país. Em 1970, no período em que o Brasil conquistou a copa do México, o então presidente da República, general Garrastazu Médici, usou o futebol para desviar a atenção do povo brasileiro diante das atrocidades que o governo militar aplicava naquele momento no Brasil.

Distanciado da sociedade a quem solapava, notadamente, a novas gerações, a quem se cortava a fala, recém-esboçadas nos bancos das universidades, o governo Médici investiu na Copa do Mundo. Era preciso ganhá-la, comentava-se nos corredores de Brasília. Era a única maneira de, mítica e carnavalescamente, mobilizar a nossa gente, de cabeça rente ao chão face à situação lamentável em que

se encontrava a moral do País(...) (BUENO *apud* RAMOS, 1984, p. 36)⁵.

Ramos (1984) analisa o relacionamento do futebol com a desigualdade social e as dificuldades políticas e econômicas.

O futebol é um aparelho ideológico do estado. Reproduz, as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas. Trabalha, em silêncio, com uma pretensa neutralidade, o que significa comprometimento. Mistifica as relações de produção, legitimando o capitalismo. (RAMOS, 1984; p. 23)

Segundo Ramos (1984), os burgueses descobriram o futebol como meio de despolitização dos trabalhadores da década de 1860. As massas do proletariado industrial começaram a interessar-se por esse esporte e os empresários ingleses aproveitaram a oportunidade para formatarem o seu desenvolvimento. O objetivo era bem claro. Eles precisavam manter os operários à margem da atividade política dentro de suas organizações de classe.

Ou seja, o futebol acabou sendo uma estratégia para os empresários manterem seus operários à margem de suas atividades políticas dentro da empresa. Segundo Ramos (1984), a sensação da felicidade dos êxitos esportivos se deve a fuga da realidade. Isso facilita à adequação as condições irracionais, que imperam. O alívio das coerções da realidade que as provoca não abole essas condições nem o sofrimento. Só contribuem para reprimi-lo por pouco tempo da consciência.

O autor é enfático ao dizer que não há muita diferença entre as alterações orgânicas dos jogadores e dos torcedores durante um jogo. As modificações

⁵ BUENO, Wilson da Costa. *Um chute no sacco*. Boletim Intercom 38. São Paulo, Anselmo, julho/agosto 1982.

sanguíneas e a concentração de adrenalina são semelhantes em bambos. “O futebol recomenda uma vida sexual moderada. Defende, muitas vezes, até a tese da abstinência dois dias antes da partida.” (RAMOS, 1984; p. 29)

Segundo Ramos (1984), o capitalismo explora e oprime e fica imune a qualquer tipo de revide. Ele abre espaços para que os oprimidos joguem as suas angústias e agressividades no futebol.

Ramos (1984) associa a falta de liberdade do trabalho alienado aos estádios de futebol. Para ele, essa falta de liberdade se estende aos estádios. Nesses locais, os homens se sentem livres, mas, no entanto, eles não estão conscientes de suas carências.

Para Ramos (1984), o futebol serve para exercitar o princípio imperante da realidade e mantém unidas as vítimas do aparato industrial. Ele se descontextualiza com a realidade, mas a reproduz com muitos retoques. É, ideologicamente, igualitário. Não permite hierarquia. Reprime o conflito de classes pacificamente. Os burgueses e trabalhadores são transformados em torcedores. “Os gols, que se convertem no futebol, não são gols contra os dominados.” (RAMOS, 1984; p. 31)

Segundo o autor, as relações de dominação e exploração capitalistas desaparecem. São substituídas pela identificação dos torcedores ou pela divergência clubística. Os torcedores possuem o objetivo comum de conviver com o universo do futebol, reinando uma democracia nos estádios.

A liberdade de expressão do pensamento atinge níveis irrestritos. O trabalhador se projeta no árbitro, no jogador e no adversário. Descarrega toda sua agressividade, acumulada no trabalho, onde é oprimido e silenciado. Quando termina o jogo, ele está em perfeita

condições psicológicas para obedecer ao patrão. (RAMOS, 1984; p. 33)

Segundo Witter (1996), contrariamente à idéia bastante difundida, o futebol não se situa à margem dos grandes problemas da sociedade, mas não constitui um espaço reservado. Para o autor, em torno do esporte bretão, estão presentes interesses econômicos consideráveis, em que se confrontam as ideologias e em que se manifesta a política, nacional e internacional. O futebol não é um espelho dos problemas do nosso tempo.

2. O FAZER JORNALISMO E A SUA ESSÊNCIA

Este capítulo faz um estudo sobre o jornalismo como referência de mundo e sua relação com a vida social dos cidadãos. O texto traz, ainda, uma história sobre o surgimento do jornalismo esportivo no Brasil e uma reflexão sobre as principais fases da reportagem no jornalismo esportivo, desde a pauta até a elaboração do texto.

2.1 Jornalismo como referencial de mundo e a relação com a vida social

Para Adriano Duarte Rodrigues (1993), é um acontecimento noticiável tudo aquilo que irrompe na superfície da história a partir de uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais. Devido a sua natureza, quanto mais menos previsível for um fato, mais probabilidade ele terá de se tornar notícia e de integrar o discurso midiático. O discurso do acontecimento jornalístico seria uma anti-história, algo que nega a racionalidade. Todos os demais acontecimentos, portanto, regidos por causalidades facilmente determináveis, ficam fora do alcance deste raciocínio.

Vera Veiga França (1998) explica que o jornalismo constitui umas das muitas modulações da palavra. As práticas jornalísticas ilustram as diferentes maneiras no qual uma sociedade vai fazer a circulação e falar de si mesma. A informação jornalística não é uma informação qualquer e, sim, a sua própria comercialização.

O mercado é uma das esferas que vem determinar as características do jornalismo atual, mas não é a única; ele é o espaço mesmo de circulação da informação; ela desenvolveu novas necessidades e moldou novas formas de atendê-las (FRANÇA, 1998, p. 27).

Para França (1998), essa idéia de que o jornalismo é sinônimo de comercialização da informação faz parte de um pensamento de um comércio mais amplo. Segundo ela, o jornalismo é o comércio e não a comercialização da informação.

Para Rodrigues (1993), o discurso do acontecimento jornalístico é uma anti-história. O relato das marcas de dissolução da identidade das coisas, dos corpos, do devir, pertence ao mundo do acidente que deixa vestígios e altera a substância do mundo das coisas, das pessoas, das instituições. A notícia no mundo moderno, para ele, é o negativo da racionalidade, no sentido fotográfico desse termo. O racional é da ordem do previsível, da sucessão monótona das causas, regida por regularidade e por leis; o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente a superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo.

Hoje, apesar de várias práticas de adivinhação, desde a cartomancia à astrologia, continuarem a exercer funções análogas, a descrença na veracidade das suas previsões, consequência das modalidades da eterna racionalidade, tende a criar novas formas de regulação dos acontecimentos imprevisíveis. O discurso jornalístico inscreve-se inequivocamente neste processo de enquadramento e de regulação. (RODRIGUES, 1999; p. 29)

Para França (1998), o discurso jornalístico distingue-se em três papéis. A primeira delas é que o jornalismo se institucionaliza como prática autônoma e especializada. Essa prática desenvolve sua própria forma, alcança sua legitimidade enquanto discurso autorizado.

A segunda distinção destaca-se no contexto da produção e transmissão autorizada da informação. Segundo França (1993), é essa distinção que faz com que o jornalismo destaque-se de outras instituições, como a igreja ou a

universidade. Nessas instituições, a posse da informação e das regras complexas de sua utilização se exprime em relações de poder e denominação, ao contrário do jornalismo, em que o poder não se encontra na guarda da informação, mas na sua divulgação. O jornalismo realiza-se através da socialização da informação. Ele pratica a democracia, desfaz o monopólio, esclarece o mistério.

A terceira e última distinção se destaca no “interior do discurso jornalístico”. Para França (1998), o regime de informação marca a extração do fato de seu contexto e a descaracterização das marcas dos locutores. Ela compara o discurso jornalístico com o sermão religioso e político-partidário, em que o sujeito enunciador e o conteúdo constituem um só corpo.

O discurso jornalístico vem descaracterizar a presença de relações específicas e diretas entre aquele que pronuncia, a audiência à qual se dirige e o assunto ao qual está tratando. O locutor desaparece em seu próprio enunciado, que lhe é totalmente exterior, através de um dizer impessoal. (FRANÇA, 1998, p. 29)

Segundo França (1998), a característica da informação jornalística é com a sua ligação com o mundo. Ela afirma que o jornal faz parte de nossa realidade e suas múltiplas dimensões.

As inúmeras vias pelas quais ele penetra na vida social lhe conferem uma natureza difusa, contornos tênues. Essa multiplicidade de aspectos, que proporciona a complexidade e a riqueza do fenômeno, torna difícil sua apreensão. Sua pluralidade favorece abordagens genéricas, quando não parciais ou redutoras. (FRANÇA, 1998, p. 33)

Segundo Rodrigues (1993), os registros de notabilidade – são conceitos que se baseiam no grau e no tipo de relevância da interrupção do tempo presente, de forma que faça com que esta interrupção seja notável – dos fatos não se

esgotam. Segundo ele, é o próprio discurso do acontecimento que emerge como acontecimento notável a partir do momento em que se torna o dispositivo de visibilidade universal, assegurando, assim, a identificação e a notoriedade do mundo, das pessoas, das coisas, das instituições.

Rodrigues (1993) afirma que o que torna o discurso jornalístico fonte de acontecimentos notáveis é o fato de ele próprio ser dispositivo de notabilidade.

O desvio do avião ou a revolta que se produz frente as câmaras da televisão ou perante os repórteres, a explosão de raiva ou de dor captada em directo pelas objectivas das máquinas mediáticas são exemplos de irrupções de mata-acontecimentos que têm nos próprios dispositivos da informação a fonte e a urgência. (RODRIGUES, 1999; p. 29)

Segundo Wolf (1999), os motivos que levam a uma notícia ser publicada ou não estão estreitamente ligados aos processos de rotinização e estandardização das práticas produtivas dos meios de comunicação. Nesse sentido, a definição de noticiabilidade liga-se ao conceito de perspectiva da notícia, que é a resposta que o órgão de informação dá à questão que domina a atividade dos jornalistas: quais os fatos cotidianos que são importantes e devem virar notícia?

Mauro Wolf (1999) explica porque as notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal. Segundo ele, a definição e a escolha daquilo que é noticiável são sempre orientadas, em primeiro lugar, para o que é mais factível, o que pode virar produto informativo no tempo possível e com recursos limitados.

Para o autor, o conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos permite efetuar, cotidianamente, a cobertura informativa, mas dificulta o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos

dos fatos apresentados como notícias. A noticiabilidade, dentro desta visão, constitui um elemento da distorção involuntária contida na cobertura informativa dos *mass media*. Isso significa que os critérios de relevância são, por um lado, flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros e, por outro, são sempre considerados em relação à forma de operar do organismo que faz a informação.

Segundo Rodrigues (1993), costuma-se distinguir entre aquilo que os jornalistas devem dizer no exercício de suas profissões e aquilo que os *media* publicam como opinião de pessoas exteriores à profissão. Aos jornalistas estaria reservado o relato objetivo dos fatos, enquanto os *media* exprimiriam juízos de valor e apreciações subjetivas, sujeitas, por conseguinte, a livre discussão.

No entanto, esta distinção não completa os casos, mais números do que se julga, em que, para preservar a credibilidade dos profissionais, é o próprio jornalista que solicita pessoas estranhas à profissão para dizer. O discurso subjectivo, de natureza avaliativa ou presciva, assim proferido é objectivado graças ao dispositivo objectivante instrumental do médium, converte-se em acontecimento discursivo, em meta-acontecimento. (RODRIGUES, 1999; p. 32)

Para Rodrigues (1993), quando vemos o telejornal ou folheamos as páginas de um cotidiano, partimos habitualmente do pressuposto de que o jornalista é digno de confiança e nos relata aquilo que efetivamente aconteceu. Para o autor, fazemos fé na credibilidade da sua palavra, confiamos na viabilidade das imagens no acontecimento e raramente nos encontramos na situação de podermos verificar *in loco* a veracidade dos fatos relatados.

Vera França (1998) ressalta que a relação jornalismo-sociedade tem suscitado inúmeras análises. O jornalismo é visto na sua natureza ideológica, submetido

à lógica do poder e da dominação numa perspectiva mais funcional. Procura-se identificar as funções ou papéis cumpridos pelo jornalismo na sociedade.

França (1998) explica que a imprensa tem um papel central no entendimento das necessidades básicas e desempenhar múltiplos papéis na cena social, tais como integração social, função recreativa, função psicoterápica, expressão de opiniões, formação da opinião pública, denúncia, democratização da informação e da cultura, mobilização e outras.

2.2 Notícias e critérios de noticiabilidade

Para Nelson Traquina (1993), toda profissão é sobrecarregada de imagens mas talvez nenhuma outra não seja tão rodeada de mitos como o jornalismo. O poder do mítico tem envolvido a profissão de tal maneira que os jornalistas e o seu produto sejam apresentados sendo como uma transmissão não expurgada de um acontecimento.

Traquina (1993) defende que os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade. As notícias não podem ser vistas emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento.

Para o autor, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento e os constrangimentos organizacionais que condicionam o processo de produção de notícias.

Segundo Traquina (1993), as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção de notícias (*newsmaking*) só podem ser entendidas inserindo o jornalista no seu contexto mais imediato – o da organização para a qual ele ou ela trabalha, ou seja, analisando a necessidade que as empresas jornalísticas têm de impor ordem no espaço e no tempo. O autor expõe as implicações da rotinização do trabalho e examina o relacionamento entre o campo jornalístico e o fator tempo.

Mauro Wolf (1999) destaca as teorias sobre o jornalismo, conhecidas como *newsmaking*, que fazem uma análise dos critérios de importância e noticiabilidade no jornalismo atual. Para ele, a abordagem do *newsmaking* articula-se dentro do limite da cultura profissional dos jornalistas e a da organização dos trabalhos e dos processos produtivos em um jornal ou emissora de televisão.

Para Wolf (1999, p.180), a rotina dos meios de comunicação de massa engloba uma série de fatores que se traduzem na hipótese do *newsmaking*, “rotinas viscosas, distorções intrínsecas, estereótipos funcionais, precedentes sedimentados, etc.”. Os estudos referentes a esta teoria, segundo o autor, “representam uma primeira tentativa, em nível empírico, para descrever as práticas comunicativas que geram as formas textuais recebidas pelos destinatários”.

Wolf (1999) explica que os valores/notícia operam de uma maneira peculiar. Para ele, a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolhas realizadas rapidamente. Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis,

de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Ele ainda faz duas considerações sobre os valores/notícia.

Segundo Wolf (1999), o caráter dinâmico das notícias muda no tempo e no espaço, não permanecendo sempre os mesmos. Assuntos relevantes de hoje podem perder espaços amanhã. Outra consideração do autor é a respeito dos chamados *single issue movements*, movimentos de opinião que se solidificam na sociedade civil e passam a ser notícia.

Wolf (1999, p.182) faz os seguintes critérios em relação aos valores/notícia: às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; à disponibilidade de material e aos critérios relativos ao produto informativo; aos meios de comunicação; ao público; à concorrência.

Dentro desses critérios, Wolf (1999, p. 186) explica a importância e o interesse da notícia. A importância, segundo o autor, pode ser definida a partir dos seguintes critérios:

- a) grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável: quanto mais o acontecimento disser respeito aos países de elite, tanto mais provavelmente se transformará em notícia.
- b) impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional;
- c) quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve;
- d) relevância dos acontecimentos quanto à evolução futura de uma determinada situação.

2.3 A objetividade da notícia e a ética jornalística

Para Luiz Amaral (1996), o espírito humano é uma malha de crenças e desejos, capaz de se recompor permanentemente, a fim de se acomodar a novas atitudes. Na apreciação da realidade, nele misturam-se fatos e valores, e dele se exige o exercício da dissociação.

E isso não se difere na profissão de jornalista. Para conquistar a tão sonhada objetividade jornalística, é preciso que o profissional se desligue do mundo no qual se vive.

Segundo Luiz Amaral (1996), todos temos os nossos preconceitos, idiosincrasias, preferências e maneiras de reagir a estímulos e a provocações externas, a peculiaridades, excentricidades, frustrações, idéias de perfeição, disposições de humor, simpatias e antipatias.

Reagimos segundo nossa raça, sexo, idade, classe social, preferência política e crença religiosa. Reagimos geralmente de acordo com a classe a que pertencemos, com a educação e os exemplos de casa, da rua e da escola, e sob a influência das nossas amizades. (AMARAL, 1996; p. 18)

Segundo Luiz Amaral (1996), a questão nisso tudo é saber se é possível o ser humano descrever as coisas como elas realmente são, independentemente da relação que temos com elas. Para o autor, é preciso saber, de fato, se a objetividade é um caminho para a verdade e a realidade.

Segundo Eugênio Bucci (2000), a ética da imprensa é específica e assim deve ser para benefício do público. Ela traduz um pacto, também específico, entre o

leitor e o jornalista, um pacto baseado na credibilidade – e não na diversão ou entretenimento.

Para ele, a função social de informar pode se proteger como uma atividade digna da confiança pública. Por vários motivos citados é que faz sentido que se considere a ética dos meios de comunicação pelo ângulo da ética da imprensa. A comunicação social como um todo é beneficiária do princípio da liberdade de imprensa e deve portar-se à altura dessa sua condição.

Segundo Barros Filho (2001), a busca da objetividade como um modelo importante no jornalismo é apenas no quesito da conduta ética do profissional, ainda que encontrá-la seja um ideal impossível. No entanto, segundo o autor, os usos da subjetividade e da personalização da matéria, com o jornalista dando ao material uma certa dose de opinião e suas impressões do relato, não podem ser deixados de lado em alguns casos em que o cunho emocional do fato pesa na confecção da matéria.

De acordo com Clóvis de Barros Filho (2001), a objetividade também pode ser considerada impossível. Os maiores argumentos são de que o termo não se verifica na realidade. Segundo o autor, apesar de não ser considerada, a “objetividade informativa” do fato pode ser vista como uma orientação para o processo produtivo da informação jornalística.

Segundo Luiz Amaral (1996), a noção de objetividade começou a incorporar na imprensa a partir de meados do século XIX. Nessa época, estavam, em discussão a imparcialidade jornalística e o equilíbrio como componentes determinantes da ética profissional de captação e transmissão de notícias.

Esses princípios, estabelecidos por volta de 1850, preparavam o terreno para a introdução da objetividade, que só veio a ser empregada em relação à imprensa cerca de 80 anos mais tarde, depois da I Guerra Mundial.

Luiz Amaral (1996, pág.26) explica que, até a primeira metade do século XIX, não havia preocupação do editor e do leitor com o equilíbrio da imparcialidade. Para ele, quatro fatos explicam o surgimento do compromisso do jornalismo com a imparcialidade:

- ✓ o advento das agências de notícias – as agências exportaram e disseminaram a idéia de menos envolvimento aparente;
- ✓ o desenvolvimento industrial – os jornais americanos não foram os primeiros a dar um cunho de objetividade às notícias. Porém, quando adotaram o princípio, passaram a ser rigorosos nesse aspecto;
- ✓ as duas guerras mundiais – a discussão da objetividade começou a ser debatida nas grandes universidades européias, sobretudo na Alemanha e França. Essa discussão fez com que uma disciplina ganhasse força nos Estados Unidos, a Ciência da Comunicação;
- ✓ o surgimento das Relações Públicas – as Relações Públicas eram encaradas como uma atividade que pretendia promover como notícia um fato ou um acontecimento, que só seriam publicados como matéria paga. Isso seria, segundo o autor, uma ameaça muito séria.

2.4 Jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo no Brasil teve seu início no século XX, com a cobertura dos esportes de elite. Segundo Paulo Vinicius Coelho (2004), os grandes

profissionais rejeitavam o trabalho de reportar as notícias dessas modalidades, restando aos iniciantes executar essa tarefa. A máxima válida nas redações naquela época era de que, para cobrir esporte, não era preciso bagagem nem experiência.

Segundo Coelho (2004), a popularização do jornalismo esportivo ocorreu simultaneamente com a ascensão do futebol que, em 1925, começou a cair nas graças dos brasileiros. O fato mudou o panorama das coberturas esportivas no Brasil que, até então, eram consideradas um passatempo. A partir daí, surgem no país jornais especializados em esportes, principalmente no futebol.

Segundo Coelho (2004), a primeira publicação criada para informar a população sobre o cenário esportivo nacional foi o *Jornal dos Sports*, surgido em 1930, no Rio de Janeiro.

Coelho (2004) explica que, daquela época até hoje, a editoria de esportes se tornou um grande celeiro para jovens talentos, pois é para lá que vão os profissionais recém-formados. A mistura de nomes consagrados e jornalistas jovens, recém-formados, é uma constante nas redações, principalmente dos veículos especializados, que surgiram a partir da popularização do esporte.

O autor afirma que a maior dificuldade de tudo é investir em publicações especializadas.

Uma das dificuldades de investir em uma publicação especializada, por exemplo, é o baixo poder econômico do público-alvo, que, às vezes, tem que escolher entre a ida ao estádio ou ginásio e a compra do jornal ou revista. Neste caso, acompanhar o clube de coração *in loco* costuma ser a opção escolhida. O jornal *Lance!* e a revista *Placar* são exemplos dos altos e baixos enfrentados pela

mídia especializada, pois alternaram bons e maus momentos no cenário esportivo nacional. A *Placar* teve sua periodicidade alterada diversas vezes, além de várias mudanças na linha editorial, enquanto o *Lance!* investiu na Internet como solução para a baixa de vendas no impresso, mas, no entanto, seus idealizadores viram que as bancas de jornais não poderiam ser deixadas de lado. (COELHO, 2004, P. 26)

Na década de 70, os campeonatos esportivos começam a ser transmitidos ao vivo, o que levou as emissoras de rádio e os jornais a realizarem coberturas com o enfoque diferente.

Coelho (2004) critica como o jornalismo esportivo brasileiro não concede o mesmo espaço do futebol às demais modalidades. Segundo o autor, atualmente, poucos são os jornais que destacam esportes, como judô, natação, futsal, basquete, handebol, pólo aquático, entre outros.

A explicação, para ele, talvez esteja no fato de o jornalismo esportivo, em sua origem, ter sido criticado por abordar esses esportes, que eram mais fortes que o futebol na época do surgimento dessa modalidade de cobertura jornalística.

No entanto, frisa o autor, em épocas de olimpíadas, tais modalidades ganham algum destaque, pois o futebol, nos jogos olímpicos, não é o esporte mais popular, como acontece no Brasil.

2.5 O jornalista de esportes

Segundo Coelho (2004), quase todo profissional do jornalismo esportivo já foi um garoto de 12 anos apaixonado por futebol e, mais precisamente, por um clube de futebol. Por isso, segundo ele, a adoção da profissão de jornalista não elimina os conhecimentos aprendidos na infância, quando o interesse pela modalidade ocasionava pesquisas apaixonadas e dedicação quase exclusiva ao clube de coração. Declarar a paixão clubística não é nenhum demérito para

o profissional, que deve saber a hora de deixar a preferência de lado para realizar matéria e comentários isentos.

No caso do jornalismo, o menino deixa uma história muito mais bem formada do que a revelada pelo menino que se transforma em jornalista político ou da área econômica. Este aprende com o garoto de 12 anos os segredos do bom texto. Aprende com a leitura de livro bem escrito, com relato bem contado por algum parente paciente (COELHO 2004, p. 40).

Mas alguns dos jornalistas de destaque no cenário da cobertura esportiva não tiveram a paixão de criança pelo futebol. Este fato, segundo Coelho (2004), não influi na qualidade do trabalho nas redações e até pode evitar equívocos, gerados pela confiança do jornalista que convive com o esporte desde pequeno e acredita que não vai errar na transmissão de nenhum dado.

No início da trajetória do jornalismo esportivo, os profissionais destacados pelos veículos para cobrir as modalidades não precisavam ser especialistas, mas apenas entendedores do assunto de forma superficial, para que as matérias pudessem ser produzidas da forma mais coerente possível.

Já nos jornais especializados, segundo Coelho (2004), os destaques eram as crônicas, redigidas, além dos jornalistas, por romancistas consagrados, como José Lins do Rego e os irmãos Néelson Rodrigues e Mário Filho. O Maracanã, no Rio de Janeiro, considerado o maior estádio coberto do mundo e uma lenda do futebol, teve sua construção influenciada por Mário Filho, tamanha a paixão do escritor pelo esporte bretão.

Coelho (2004) afirma que, apesar de todas as dificuldades encontradas, o jornalismo esportivo, além de excelente escola, tem história na trajetória da imprensa brasileira e, como na disputa de uma partida, venceu as

adversidades e detém espaço em todas as mídias, que investem cada vez mais no filão em virtude do esporte ter adquirido importância na vida dos brasileiros, além de gerar desdobramentos que, por vezes, forçam a notícia a mudar de editoria.

Coelho (2004) afirma que o profissional do jornalismo que escolhe o esporte para se especializar precisa estar antenado aos fatos esportivos que acontecem, tanto no Brasil como no resto do planeta, sob pena de ficar de fora do mercado. Conhecer não só o futebol, mas todas as modalidades esportivas e suas respectivas histórias e regras virou requisito nos processos de seleção das redações.

Segundo Coelho (2004), o profissional do esporte trabalha com a paixão, isto pode incorrer no risco de ser mais opinativo do que deve, o qual só acontece porque, quando está no exercício da profissão, o repórter esportivo fica exposto a uma carga de emoção muito intensa. Porém, em função da influência do futebol na cultura dos brasileiros, esse é um risco calculado pelos veículos de comunicação.

O dia-a-dia de muitos dos jornalistas de esportes é nos clubes de futebol, buscando notícias para abastecer os mais variados meios de comunicação. A pauta, segundo Coelho (2004), pode ser um mecanismo de ajuda do jornalista na difícil “missão” de garimpar fatos novos no cotidiano inalterado dos clubes, uma vez que a pré-determinação do tema da matéria evita que o profissional se desespere a ponto de “cavar” um fato a qualquer custo, o que pode resultar em um material desinteressante para o público-alvo do veículo.

No entanto, segundo o autor, se, por um lado, ela auxilia o jornalista na busca da notícia, por outro, ela não pode "engessar" o profissional, muito menos podar sua criatividade. Para Coelho (2004), pauta é a idéia que pode ou não ser executada. O grande risco, segundo o autor, é virar escravo dela. Ainda segundo Coelho, risco maior é virar escravo do dia, sem nenhuma idéia quando não há notícia.

Segundo Maluly (2004), a pauta possui elementos que são primordiais para o desenvolvimento da matéria, como um histórico dos personagens envolvidos e do fato que está por acontecer. Nele, segundo o autor, todos os aspectos devem ser desenvolvidos: os principais dados da vida pessoal e profissional dos personagens, os resultados anteriores dos clubes e dos atletas dentro daquela competição ou mesmo em eventos anteriores, os principais confrontos entre os competidores e os episódios que fizeram parte daquela disputa.

O histórico da competição também é incluído, de acordo com o autor. Segundo ele, é do histórico que depende o interesse do público pelos clubes e pelos atletas, assim como as regras da competição, não só do esporte, mas também do próprio torneio.

Outro ponto observado na pauta é a torcida. Segundo Maluly (2004), a torcida é um ponto de observação na pauta porque sua participação interfere diretamente no resultado de uma competição. A quantidade expressiva de torcedores (Corinthians ou Flamengo, as maiores torcidas do Brasil) ou a localização, se um clube ou atleta atua próximo de sua torcida (se o clube ou atleta atua em casa) são informações adicionais à matéria que devem ser incluídas na pauta.

O autor afirma que, no caso do Brasil, as torcidas organizadas tornaram-se parte do espetáculo e da cobertura jornalística e, por isso, não podem passar despercebidas. Os bastidores de uma partida ou de um noticiário também são incluídos porque a competição está se desenrolando. O conjunto de informações anteriores ao fato é relatado, como as contusões, os treinamentos, a escalação, a classificação, o doping, as punições, a torcida, o regulamento, a comissão técnica (principalmente os treinadores), as federações, a imprensa, entre outros.

Segundo Maluly (2004), a matéria esportiva começa muito antes do término da competição anterior. Se o atleta ou clube participa de um torneio, o outro já está em pauta, porque os eventos desportivos são seqüenciais. O repórter começa assim uma peregrinação ao saber sintetizar todas as informações incluídas na pauta. O maior número de informações auxilia na composição textual e na produção da matéria.

Maluly (2004) explica que as informações são coletadas com a pesquisa em arquivos e entrevistas com as fontes iniciais. Os dados permitem ao repórter estar preparado para a escolha dos entrevistados e para a própria entrevista de campo. Quando ele conhece o assunto e os entrevistados, é possível colher informações que ele ainda não possui e acrescentá-las a matéria.

Segundo Maluly (2004), a ausência de informações sobre os envolvidos e/ou sobre o assunto tira a credibilidade do repórter, que pode, pelo desconhecimento, ser manipulado pelo entrevistado ou mesmo legitimar uma fonte imprópria, que ele escolheu no local do fato ou mesmo pautou sem antes

conhecê-la. No âmbito jornalístico, o repórter coleta informações no local do fato, mas também é importante possuir fontes já pautadas e pesquisadas.

Para Maluly (2004), a pauta é apenas um referencial para a cobertura, com dados brutos e condicionados aos bastidores e ao fato. Segundo o autor, a matéria é de responsabilidade do repórter que detecta e transmite o que é realmente importante para o público e para os envolvidos na informação. Se ficar preso à pauta, o jornalista possibilita a interferência das fontes duvidosas e da própria empresa jornalística.

3. O FUTEBOL PELA ÓTICA DOS JORNAIS ESTADO DE MINAS E D'O TEMPO

Neste capítulo, será analisada, nos jornais *Estado de Minas* e *O Tempo*, a diferença de enfoque nas reportagens a respeito das duas principais equipes do futebol mineiro, Clube Atlético Mineiro (CAM) e Cruzeiro Esporte Clube (CRU).

3.1 O futebol além dos 90 minutos

Dentro dos bastidores do futebol, há especulações de que os principais órgãos de imprensa mineiro, em suas coberturas esportivas, são favoráveis ao CAM. Especulações à parte, o que deve ser ressaltado é como o futebol se mantém como uma grande paixão nacional. Em Belo Horizonte, a cidade se divide praticamente entre cruzeirenses e atleticanos. Isso ganha grande repercussão na mídia regional, o que leva ao surgimento de críticas sobre a cobertura da imprensa, se seria tendenciosa a favor de determinado time ou não.

Carvalho (2007) afirma que boa parte da imprensa mineira enaltece o CAM. Segundo o autor, que é colunista esportivo, em quase todo o Campeonato Brasileiro de 2007, o Cruzeiro brigou por vaga na Libertadores e, em boa parte do campeonato, teve até chance de se aproximar do campeão São Paulo e brigar pelo título. E o Atlético passou a competição inteira lutando para não cair para a segunda divisão. No entanto, estimulado pela mídia, de um modo geral, muita gente enalteceu o Atlético por ter chances e brigar por uma vaga na Copa Sul-Americana, e desprezou o Cruzeiro.

Ao longo dos anos, o Cruzeiro é o time de Minas que tem conquistado mais títulos importantes, desde a década de 1990. De 1991 para cá, foram quatro Copas do Brasil, um Brasileiro, duas Supercopas e uma Libertadores. Um clube de ponta, que nada deixa a desejar aos grandes de São Paulo e Rio, alguns em melhor condição financeira, (CARVALHO, 2007).

Para ele, seria importante para o Estado que o Atlético seguisse o mesmo caminho e voltasse a conquistar títulos de expressão nacional e internacional. Depois de ser o primeiro campeão brasileiro, em 1971, o time ganhou duas Taças *Conmebol*, em 1992 e 1997, mas seus dirigentes trataram de desvalorizar a extinta competição, desvalorizando-a.

Os dois times da primeira divisão do esporte mineiro deveriam ocupar espaços semelhantes, mas, se houvesse tendência maior para A ou B, de acordo com os dados acima, o Cruzeiro não deveria ser desprezado. “É o time que tem orgulhado sua torcida, promovido o Estado e cultivado o sonho de ver Minas somando mais títulos importantes” (CARVALHO, 2007).

3.2 Estado de Minas e O Tempo – a concorrência entre os dois jornais

O *Estado de Minas* foi criado em 1928 por Pedro Aleixo, Álvaro Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa, num momento em que a imprensa vivia uma fase embrionária. Um ano após sua inauguração, depois de uma crise, o jornal foi comprado por Assis Chateaubriand e passou a integrar um dos maiores grupos de comunicação do país, os Diários Associados. O *Estado de Minas* apresenta um conteúdo amplo de notícias, dividido em informações regionais, nacionais, internacionais e cadernos especializados, mas, sobretudo, seu maior

destaque é junto à população, como referência local, regionalizada, a partir de informações do dia-a-dia da cidade. É um jornal tradicional, e sua linha editorial identifica-se com setores mais conservadores do Estado.

Seus cadernos fixos são: Política, Opinião, Nacional, Internacional, Economia, Gerais, EM Cultura e Economia. Seus suplementos são: Agronegócio, Bem viver, Ciência, Direito & Justiça, Emprego, Especial, Feminino & Masculino, Guia de gastronomia, Guia de negócios, Gurilândia, Hora Livre, Imóveis, Informática, Pensar, Prazer EM ajudar, Turismo, TV e Veículos.

Em agosto de 2005, foi criado caderno de Esportes. Segundo o editor do caderno, Cláudio Arreguy (2008), a criação do caderno de esportes “foi seqüência de um processo iniciado em todo o jornal em março de 2004, quando inauguramos a reforma gráfica, com páginas mais arejadas, novas ferramentas, incremento do tom opinativo etc.” (ARREGUY, 2008).

Com o novo caderno, o jornal voltou a ter colunista diário, novas seções fixas, publicadas na contracapa, mais ferramentas opinativas, novas fichas etc.

Em junho do ano passado, o caderno voltou a ter outra reformulação.

Aproximamos mais do leitor, com novidades como o cronista por um dia, da comunidade, com a coluna Esporte e Lazer, e do interior, com a coluna de futebol do interior. Mexemos ainda nas fichas, dando-lhes mais movimentação e elementos, e, maior novidade, passamos a contar com uma infografista fixa, contratada da seção, com mais quadros, artes, infografias, dando ainda mais leveza às páginas (ARREGUY, 2008).

No dia 7 de março de 2008, o jornal completou 80 anos e se estabeleceu no mercado editorial com uma tiragem média de 100 mil exemplares aos domingos e de 60 mil durante a semana.⁶

Fundado em 21 de novembro de 1996 pelo Deputado Federal Vittorio Medioli, o jornal *O Tempo* faz parte do grupo chamado Sempre Editora, que administra também os jornais *Pampulha*, *Super Notícia*, *O Tempo Betim* e *O Tempo Contagem*. O jornal *O Tempo* é um dos principais concorrentes do *Estado de Minas*, junto com o jornal *Hoje em Dia*, outro expressivo jornal mineiro.

O Tempo foi planejado durante três anos a partir de pesquisas de mercado. É um jornal diário, cuja proposta editorial é voltada para “os interesses do leitor, em defesa da cidadania e da transparência do poder público, com postura crítica, pluralista e apartidária.” (ROSSI, 2008)

O Tempo provocou um acirrado clima de concorrência com o *Estado de Minas*, sobretudo no âmbito de planejamento gráfico, quando mudou sua identidade visual no dia 15 de maio de 2003. Na ocasião, foi reestruturado o Parque Gráfico, tendo sido feito um investimento alto na compra de novo maquinário, treinamento, capacitação do setor industrial, além da implantação da tecnologia CTP (*Computer To Plate*) que elimina o uso do Fitolito, gerando mais valor no produto final com mais rapidez e melhor resolução.

O jornal apresenta um conteúdo amplo de notícias, dividido em informações regionais, nacionais, internacionais e cadernos especializados, também com

⁶ Informação obtida pelo site www.observatoriodaimprensa.com.br, acessado em 16/05/2008.

maior destaque em informações do dia-a-dia da cidade. No entanto, o que difere *O Tempo do Estado de Minas* é por ele ser um jornal menos tradicional.

Suas editorias fixas são Política, Opinião, Brasil, Mundo, Economia, Cidades, Magazine e Economia. Os seus suplementos Aparte, Agronegócios, Interessa, Lupa, Blogdepapel.com, Imóveis & Construção e Fim de Papo.

Desde 24 de março de 2008, o jornal circula em formato tablóide, com uma nova proposta editorial. Ganhou novos colunistas, como Elio Gaspari e George Vidor, além de matérias mais aprofundadas. A tiragem do jornal hoje varia entre 35 mil a 38 mil por edição em todo o Brasil.

O esquema da cobertura esportiva do jornal *O Tempo* – sobretudo no que se refere ao Atlético e ao Cruzeiro – é estabelecida da seguinte forma: “há um repórter setorista para um dos times. Eles acompanham o dia-a-dia do clubes. Vão aos treinos todos os dias e são os olhos do jornal dentro de Cruzeiro e Atlético. Em dias de jogos, especificamente nos finais de semana, a prioridade é para que estes repórter façam a cobertura dos jogos. No entanto, quando estão de folga, outros repórteres da equipe são deslocados para a função” (TADEU, 2008).

Ainda para o Sub-editor de esportes do jornal *O Tempo*, Rogério Tadeu (2008), a linha editorial do jornal é pautada na veracidade dos fatos. “Não temos o interesse de prejudicar o trabalho dos clubes. No entanto, não somos omissos em nenhum caso. Quando a notícia é ruim para a imagem do clube, noticiamos da mesma forma que noticiamos um fato positivo. Nosso primeiro compromisso é com a verdade e, em seguida, com o leitor. Nossa cobertura diária

é essencialmente informativa. Temos três colunistas que trabalham a parte opinativa. O que eventualmente não impede que um repórter ou editor emita sua opinião sobre algum fato específico” (2008).

3.3 Metodologia

Segundo Antonio Carlos Gil (1995), enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental é baseada em materiais que ainda não tiveram um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Para o autor, existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, como os documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, entre outros. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, que são os relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas dentre outros.

Como já citado, os objetos empíricos escolhidos para serem analisados são os jornais *Estado de Minas* (EM) e *O Tempo*, pela representatividade de cada veículo no Estado de Minas Gerais e principalmente na capital. As matérias sobre os times escolhidos para serem analisadas foram coletadas do caderno de Esportes das publicações entre os dias 20 e 28 de abril, tendo, no entanto, 8 edições, enfocando o período de disputa da primeira partida da final do Campeonato Mineiro de Futebol entre os dois times, realizada no dia 27 de abril.

Apesar de curto, o período escolhido para a análise foi suficiente, já que a imprensa mineira é sistemática na publicação diária de assuntos referentes aos dois times. Como o campeonato em questão já acirra a disputa entre as torcidas – e, conseqüentemente, os leitores –, as matérias da semana analisada são referenciais para a proposta desta monografia.

O Campeonato Mineiro de Futebol deste ano teve uma representatividade maior, em seus mais de 90 anos de história pelo fato de ser o centenário do Clube Atlético Mineiro, o maior vencedor do torneio, com 39 títulos. Porém, o Cruzeiro é o maior campeão da "Era Mineirão", com 23 títulos após 1965, contra apenas 16 do rival.

Embora muitos considerem-no como um campeonato fraco, o Mineiro sempre proporciona grandes partidas, principalmente protagonizadas pela rivalidade dos clubes da capital, América, Atlético e Cruzeiro.

Muitos talentos do futebol mundial foram vistos pela primeira vez no Campeonato Mineiro. Jogadores como Ronaldo, Reinaldo e Tostão fizeram suas estréias como profissionais neste torneio. Atualmente, o Campeonato Mineiro é composto por duas divisões. A Primeira Divisão é formada por dois "módulos". O Módulo I é a primeira divisão de fato; e o Módulo II, a segunda divisão. O torneio conhecido como Segunda Divisão funciona como uma terceira divisão.

Quanto às categorias de análise, serão pesquisadas as principais ferramentas do discurso jornalístico como título, texto, lead (parágrafo inicial), fotos, fontes e suas legendas. Será levado em conta se há um jornalismo opinativo ou

informativo e quando aparece a opinião do jornal. Também será verificado o tamanho destinado a cada um, quais jogadores ganham mais destaques, a adjetivação no título, fontes da matéria e no texto que compõe a cobertura.

3.4 Atlético x Cruzeiro – a análise propriamente dita

3.4.1 Título jornalístico

Segundo Mouillaud (2002), o título é “o suporte, uma inscrição, o enunciado da língua e como uma marca – marca maior – da articulação do jornal: uma região chave que é o articulado e o articulador do jornal, a expressão de sua estrutura” (MOUILLAUD 2002, pág. 99).

O título jornalístico é uma estratégia para despertar o interesse do leitor com o objetivo de evitar que ele se esvazie em si mesmo. Um título errado, muito longo, pode levar o leitor a se desinteressar pelo texto.

Outra técnica importante usada nos títulos jornalísticos é sempre dar ação e atualidade a ele, colocando o verbo no presente. Dessa maneira, o verbo "esquenta" o título, como se diz no jargão jornalístico. O título sem verbo é chamado “frio” e é mais apropriado para o box de apoio ou de serviço (retrancas), ou para matérias igualmente frias (sem atualidade), editoriais, artigos assinados, crônicas etc.

Segundo Mouillaud (2002), existem quatro tipos de título: **o título-assunto**, que não tem determinantes e predicado.

Ex: “Decisão – o jogo” (EM 28/04/2008)

Ex: “Campeonato Mineiro” (O Tempo 28/04/2008)

Título anafórico: lembra os acontecimentos que começaram antes do número e dos quais a duração excede a duração cotidiana;

Ex: “Revanche ou bi” (EM 21/04/2008)

Título da vitória do Cruzeiro sobre o Ituiutaba por 3 x 1 e fala sobre a definição do confronto contra o Atlético na final do Campeonato Mineiro.

Ex: “Estava escrito” (O Tempo 21/04/2008)

Sobre vitória do Cruzeiro sobre o Ituiutaba e o confronto contra o Atlético.

Ex: “Com juro e correção monetária” (EM 28/04/2008)

Enaltecendo a vitória do Cruzeiro em cima do Atlético por 5 x 0. Na ocasião, o título lembrou que o Cruzeiro devolveu a derrota sofrida pelo arqui-rival no campeonato de 2007, por 4 x 0.

“Troco veio com juro” (O Tempo 28/04/2008)

O título do jornal *O Tempo* apresenta a mesma proposta que o *Estado de Minas*. Resgata a derrota sofrida pelos celestes no campeonato de 2007 e a vitória elástica no dia 27 de abril.

Título informacional: apresenta de forma completa, ou seja, com sintagma nominal e sintagma verbal. E, ainda, desenvolve a idéia nas três modalidades de tempo: passado, presente e futuro.

Ex: “Eduardo sonha com o primeiro clássico” (O Tempo 24/04/2008)

A matéria conta a expectativa do atacante Eduardo, do Atlético, em jogar seu primeiro clássico como jogador profissional.

O jornal *O Tempo* prima mais pelo título informativo, ao contrário do *Estado de Minas*, cuja preferência é pelo título anafórico. Nos jornais coletados, não foram encontrados nenhum título do *Estado de Minas* com formato informativo. Isso mostra que a busca pela imparcialidade da matéria no segundo objeto de estudo se torna mais difícil, visto que o título que foge do caráter informativo proporciona maiores possibilidades de interpretações subjetivas.

Título referencial: que faz uma relação com a totalidade da matéria e não em um elemento específico como o lead. Por isso, leva o leitor a compreender outras possibilidades discursivas, além daquela explícita no título.

Ex: “Dos males, o menor” (EM 24/04/2008)

O título relata a derrota do Atlético pelo Náutico por 3 x 2, em jogo disputado em Recife, pela Copa do Brasil. Na ocasião, o jornal destacou o gol marcado por Danilinho, do Atlético, no fim do jogo. Esse gol fez com que o time alvinegro pudesse jogar por um resultado simples, 1 x 0, para garantir sua classificação.

“Estréia amarga” (O Tempo 24/04/2008)

O título do jornal *O Tempo* destacou a estréia com derrota do meio-de-campo Petkovic, do Atlético, do mesmo jogo contra o Náutico.

Ex: “Vai ter de encarar” (EM 24/04/2008)

Sobre a definição do confronto entre Cruzeiro e Boca Juniors, pela Copa Libertadores da América.

O Jornal *O Tempo*, optou por um título informativo.

Ex: “Cruzeiro pegará o Boca” (*O Tempo* 24/04/2008)

3.4.2 Foto

As imagens fotojornalísticas são utilizadas em três situações: ilustração; informação principal em relação ao texto; ou como complemento deste, o que é o mais comum. Elas desempenham variadas funções que vão desde a recuperação de outras informações e aspectos colaterais da notícia (quando a foto de arquivo é a grande matéria-prima) até constituir-se na própria notícia, ou em parte dela. “Esse leque de funções se completa com a ‘crônica visual’ (ensaio), e com a foto apresentada como editorial visual (opinativo)” (GURAN, 1992, p. 57).

A fotografia usada no jornalismo ampara, contextualiza e dá credibilidade às notícias relatadas no texto, seja ela em revistas que mostram a vida de celebridades ou locais paradisíacos, em anúncios, relatórios, sites, palestras e em tantos outros meios com finalidades diversas.

Nesta categoria de análise, serão avaliados os personagens da fotografia: verificação da presença dos jogadores da equipe ou de atletas dos dois times envolvidos no confronto.

Nas fotos analisadas, ambos os jornais variaram na forma como essas fotografias foram expostas. Nas matérias que antecederam ao primeiro jogo do

clássico, principalmente nas edições do fim de semana, quando o foco principal foi a partida, sexta (25/04), sábado (26/04) e domingo (27/04), dia da disputa, os dois jornais dedicaram espaços semelhantes aos dois clubes.

Uma exceção aconteceu no dia 25/04, no jornal *Estado de Minas*, na página dedicada à matéria dos dois clubes: havia duas fotos, uma do jogador do Atlético, o zagueiro Marcos, e a outra do volante do Cruzeiro, Fabrício. O tamanho dedicado ao jogador do Atlético estava praticamente o dobro do que a do jogador cruzeirense. Enquanto a foto do atleta do Atlético ocupava quatro colunas, ou seja, mais de meia página do jornal, a do cruzeirense era de duas colunas, em um pequeno espaço.

Entretanto, no dia 28/04, um dia após o jogo, na matéria que repercutiu a vitória de goleada do Cruzeiro por 5 x 0 sobre seu maior rival, o jornal *O Tempo*, por exemplo, possibilitou uma página inteira – seis colunas – para uma foto dos jogadores do Cruzeiro comemorando o resultado. Caso semelhante aconteceu também no *Estado de Minas*, porém, com um espaço menor do que do jornal *O Tempo*. Na ocasião, o jornal dedicou um espaço um pouco maior do que meia página, em quatro colunas.

Não foram analisadas as fotos dos dias anteriores pelo motivo do Atlético ter jogado no meio de semana contra o Náutico, em partida válida pela Copa do Brasil. Nas edições que antecederam o jogo (terça, 22/04, e quarta, 23/04) e pós-jogo, quinta-feira (24/04), as fotos dedicadas ao alvinegro foram mais destacadas, principalmente no jornal *Estado de Minas*.

3.4.3 Legendas

Segundo Milton Guran (1992), é função das legendas ativar no leitor todos os conhecimentos e sentimentos correlatos àquela cena mostrada. No caso do jornalismo, naturalmente, a legenda deve compreender as informações circunstanciais que são parte integrante da notícia como nomes, locais etc. Nesse sentido, segundo o autor, uma boa legenda é aquela que funciona como “um convite ao leitor para explorar melhor a imagem, descobrindo-lhe os significados menos evidentes, mas nem por isso menos importantes” (GURAN, 1992, p. 58).

Milton Guran (1992) afirma ainda que a composição fotográfica tem como finalidade dispor os elementos plásticos percebidos através do visor para conferir significado a uma cena. É resultado da harmonização de diversos fatores de ordem técnica e de conteúdo, constituindo, na essência, o pleno exercício da linguagem fotográfica.

Pelas legendas abaixo exemplificadas, pode-se ver que todas seguiram os padrões adotados por Guran (1992). Elas são capazes de ativar, no leitor, todos os conhecimentos e sentimentos correlatos àquela cena mostrada. Em nenhuma delas houve tendência a nenhum dos dois clubes.

“O jovem Eduardo vai atuar mais fixo na área, com a incumbência de aproveitar as jogadas criadas por Marques e Danilinho” (EM 27/04/08)

“O armador Wagner, com boas atuações, é uma das esperanças da torcida celeste para assegurar a vitória no clássico de hoje” (EM 27/04/08)

“Título pode garantir o perdão definitivo da torcida a Geninho” (*O Tempo* 27/04/08)

“Taça será a afirmação para o jovem treinador Adilson Batista” (*O Tempo* 27/04/08)

3.4.4 Lead

O texto jornalístico é enquadrado em um discurso próprio, permeado de linguagem e técnicas que o colocam dentro de um delimitador espacial. Esse ambiente criado e recortado pressupõe uma nova realidade que se descortina para o leitor. Assim, o discurso do jornal está encaixado em um dispositivo. “Os dispositivos são os lugares materiais ou imateriais nos quais se escrevem (necessariamente) os textos” (MOUILLAUD, 2002, p. 34).

Nessa perspectiva, segundo o autor, o texto seria qualquer forma de linguagem, seja ela icônica, sonora ou gestual, de inscrição conformada na estruturação espaço-temporal do dispositivo.

Outro fator importante no discurso jornalístico é o lead, expressão usada para designar o parágrafo inicial de uma notícia. Lead vem do verbo *to lead* que, do inglês, compreende-se liderar, iniciar. Assim, em 1940, quando foi criado pelos nortes-americanos, pressupôs-se com a ferramenta que, ao responder questões básicas e elementares de um fato – quem (who), que (what), quando (when), onde (where), como (how) e por que (why) – a confecção da notícia e, conseqüentemente, a leitura poderiam ser – de forma empresarial – padronizada, enxuta e mais propensa à imparcialidade.

Segundo Luiz Amaral (1997), a fórmula é velha e eficiente. O método tem uma função prática que é prender a atenção do leitor. No entanto, o autor avisa que essa técnica pode cair na monotonia. Para ele, tal exposição leva, às vezes, o jornal a relatar a mesma notícia três vezes: no lead, no sub-lead e no corpo da matéria. Para Luiz Amaral (1997), o lead foi um avanço na técnica e no estilo, mas reduziu muito a dimensão dos fatos.

No dia 25 de abril, os dois jornais deram grande destaque às vendas de ingressos para o jogo e o preparativo de ambas as equipes. A matéria do *Estado de Minas*, “Ainda sem perder”, assinada pela repórter Kelen Cristina, enalteceu o técnico Geninho, por nunca ter perdido um clássico:

Geninho ainda não sentiu, como técnico do Atlético, o gosto amargo da derrota em clássico contra o Cruzeiro. Pelo contrário. Obteve importantes resultados quando esteve à frente do time alvinegro. O primeiro encontro, em 20 de outubro de 2002, foi histórico. Ao vencer por 2 x 1 pelo Campeonato Brasileiro, o Galo pôs fim ao tabu de dois anos e seis meses sem triunfos sobre a Raposa. (...) Este ano, a Raposa entrou como favorita, mas foi o Atlético que teve o domínio da partida e desperdiçou boa oportunidade de vencer, embora o jogo tenha sido tecnicamente fraco. O empate de 0 x 0 acabou ficando de bom tamanho e contribuiu para manter a invencibilidade de Geninho. (EM 25/04/08)

A reportagem trouxe, ainda, um resgate histórico do jogo ocorrido em 2002, quando o time alvinegro venceu por 2 x 1. A matéria apresentou, também, a escalação do time que venceu o rival no dia.

Em matéria de mesma página, “Tudo na palma da mão”, assinada pelo repórter Antônio Melane, houve o destaque para o treinador cruzeirense.

Quando ainda jogava, o então zagueiro Adilson Batista já era um estudioso. Imagine agora que comanda um dos maiores clubes do país. Pode-se dizer que é um obcecado, que respira a bola 24 horas por dia. (EM 25/04/08)

Pode ser notada, no primeiro exemplo do lead, uma pequena tendência favorável ao Atlético. No entanto, no jornal *O Tempo*, na edição desse mesmo dia, houve um espaço maior para o Cruzeiro. Foi dedicada uma página a mais para o time celeste. Destaque para a matéria sobre o goleiro Fábio.

A experiência pode fazer diferença quando se fala em jogos decisivos. No atual grupo do Cruzeiro, justamente por essa “bagagem”, um jogador pode se tornar exemplo para os demais jovens jogadores do time celeste. Quando a bola começar a rolar no domingo, o goleiro Fábio vai completar a marca de 200 jogos com a camisa azul. (*O Tempo* 25/04/08)

Pelo lado do Atlético, o jornal dedicou um pequeno espaço. A matéria assinada pelo repórter Fábio Pinel destacava a volta do atacante Marques ao time.

O atacante Marques, liberado pelo departamento médico, está à disposição do técnico Geninho e pode ser umas das novidades do Atlético para o primeiro jogo da final do Campeonato Mineiro. (*O Tempo* 25/04/08)

No dia seguinte, 25/04, os dois jornais praticamente fizeram matérias semelhantes em relação ao jogo. A ênfase foi dada ao mistério dos dois treinadores em relação à escalação dos times. Na ocasião, ambos os times ganharam o mesmo número de espaço nos dois jornais, sem nenhuma tendência para os dois lados.

No domingo (26/04), dia do jogo, o jornal *Estado de Minas* foi categórico em relação ao Cruzeiro e incentivador ao Atlético. Na chamada de apresentação da matéria principal, uma tendência ao time alvinegro.

Enquanto o Cruzeiro pôde se preparar com tranquilidade, o Galo teve uma semana atribulada. Depois de vencer o Tupi, em Juiz de Fora, no segundo jogo das semifinais do Estadual, o time foi a Recife, onde perdeu por 3 x 2 para a equipe do Náutico, na partida de ida das oitavas de final da Copa do Brasil. Assim, o treinador teve apenas a sexta-feira e ontem para preparar a equipe para o clássico, o que não tira a confiança de nenhum atleticano. (EM 27/04/08)

Nessa mesma matéria, o título dado ao espaço do Atlético foi “Ordem é inverter vantagem”. Na seqüência, a reportagem assinada pelo repórter Paulo Galvão diz:

Em desvantagem na final do Campeonato Mineiro, o Atlético se inspira no passado para tentar o bi campeonato. Em 2007, a situação era a mesma, mas o alvinegro não só tomou os privilégios do regulamento como praticamente garantiu o título ao golear por 4x0 na primeira partida, em um clássico que entrou para a história não se pelo placar, mas pela forma como aconteceu, com direito ao quarto gol, marcado por Vanderlei, feito com o goleiro cruzeirense Fábio de costas para o lance. (EM 27/04/08)

Na matéria do lado cruzeirense, assinada pelo repórter Antônio Melane, nota-se uma cautela maior. Revestida pelo título “Respeito total ao adversário”, o texto dizia:

O Cruzeiro está pronto para tentar manter ou até ampliar sua vantagem nas finais e, no outro domingo, fazer a festa, recuperando o título estadual. Foi uma semana de paz e confiança, sem praticamente um dissabor na Toca, que é importante numa semana tão importante. Os discursos foram bem uniformes, todos comprometidos com o pensamento do técnico. “Respeito total ao adversário, muito trabalho e concentração para que o objetivo seja alcançado”. (EM 27/04/08)

Já o jornal *O Tempo* trouxe uma matéria, assinada pelos repórteres Maurício Miranda e Fernando Martins, mais detalhada, enfocando o objetivo de cada treinador em relação à partida, sem nenhum entusiasmo por nenhum lado.

O segundo clássico entre Atlético e Cruzeiro do ano promete um duelo à parte. Dos túneis do Mineirão, dois ex-jogadores estarão atentos ao desempenho de seus comandados. O objetivo, como não poderia ser diferente, é apenas um: conquistar o primeiro título da temporada e, de quebra, manter-se imune à ira das apaixonadas torcidas pelo menos, até a próxima derrota. (*O Tempo* 27/04/08)

Um dia depois do primeiro jogo, quando o Cruzeiro venceu por 5 x 0, os dois jornais deram grande cobertura ao jogo. O jornal *Estado de Minas* criticou os defeitos do Atlético e pouco enalteceu o bom jogo feito pelo Cruzeiro.

Aproveitando-se das incríveis falhas de marcação da equipe alvinegra, principalmente pela escalação equivocada do técnico Geninho, venceu por 5 a 0 e, com uma atuação tranqüila, praticamente garantiu o título do Mineiro 2008. Afinal, poderá perder pela mesma diferença de gols a próxima partida, domingo, já que está em vantagem por ter feito melhor campanha. Até o mais otimista atleticano não tem ilusões quanto a conquista do campeonato no ano do centenário do clube (EM 28/04/08)

Em outra página, no mesmo jornal, a matéria intitulada “Sem perdão”, assinada pela repórter Lílian Monteiro, trouxe a repercussão da partida.

Enquanto os celestes deram uma aula de futebol, com qualidade, equilíbrio tático e segurança, os alvinegros caíram na apáticos, sem forças para reagir, e foram presas fácies, depois de alguns minutos de lampejos de um futebol convincente. Aplausos para os cruzeirenses. Aos jogadores do galo, a resposta veio da arquibancada: silêncio e os torcedores deixando o estádio aos 22 minutos do segundo tempo. Vexame. Na competição das arquibancadas, duas faixas anunciavam o embate entre os 100 anos da melhor torcida do mundo contra os eternos guerreiros celestes “(EM 28/04/08)

O jornal *O Tempo* fez por uma cobertura mais isenta, informativa. Em matéria sem assinatura, de título “5 x 0 – goleada de campeão”, a reportagem contou apenas os detalhes da partida, e fez um resgate histórico da derrota por 4 x 0 da equipe celeste no ano anterior.

O Cruzeiro colocou a mão na taça de campeão mineiro de 2008 ao golear o Atlético por 5 a 0, ontem, com o Mineirão lotado. A Raposa devolveu, com sobra, a goleada de 4 a 0 sofrida pelo rival na primeira partida da decisão do ano passado. Agora, resta à torcida do galo torcer por um milagre, pois precisará de uma vitória de seis gols de diferença. “(O *Tempo* 28/04/08)

3.4.5 Fontes

Segundo Nelson Traquina (2004), o jornalismo pode ser explicado ou sinteticamente definido pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias – o que é que aconteceu ou está acontecendo no mundo?

O jornalismo, nesse sentido, segundo Traquina (2004), é a atividade de “contar estórias”, onde o contador é o jornalista e cuja transmissão se dá através de um veículo que, no nosso caso, é o jornal impresso. A ação do jornalista, assim, está na novidade, no curioso, no acontecimento – ou naquilo que se torna acontecimento para ele.

Segundo Traquina (2004), o jornal e o jornalista devem ser tomados como narradores especializados, mas não são únicos nem exclusivos no contexto das várias narrativas e narratividades que circundam a vida atual. E no próprio jornal – tanto nas imagens quanto nos textos – jornalista e fotógrafo nunca estão sozinhos. Para o autor, as fontes e suas falas, os personagens fotográficos e suas ações deixam clara a existência de um processo narrativo dinâmico e polifônico no qual se inserem os “narradores oficiais” do jornalismo.

A narrativa jornalística compõe-se da materialização de várias outras formas de se narrar e se ver o mundo. Os acontecimentos que cercam o mundo não são vazios de sentido. Eles incorporam formas e visões diferentes, que incorporam tempos e espaços que lhes são também externos e anteriores; sem, no entanto, deixar de envolvê-los. Dessa maneira, o jornalista, como “narrador profissional”, converge com seu público para uma esfera de comunicação

especializada uma série de elementos já dispostos na trama comunicativa do cotidiano.

Outrora, em outras palavras, o jornalismo é uma prática especializada, uma forma profissional de narrar o mundo e as várias outras narrativas que dele fazem parte.

Existe um padrão de assessoramento de imagem feito pelos dois clubes. Esse setor é chamado de Direção de Comunicação ou Assessoria de Imprensa. Esses profissionais dos setores ditam as regras sobre quem vai ser ouvido naquele dia pela imprensa, em uma forma de escala.

Depois, entre no aspecto de que, mesmo com esse cerceamento, os dois jornais buscam, fora dos campos de treinamento, estratégias de outras fontes, como os torcedores.

Na edição do dia 25 de abril, os dois jornais acompanharam as filas para as compras dos ingressos. O Jornal *O Tempo*, na matéria “Haja paciência ao torcedor”, ouviu dois torcedores do Atlético e dois do Cruzeiro.

O Estado de Minas, na matéria “Sucesso garantido”, ouviu dois atleticanos e um cruzeirense.

CONCLUSÃO

Esta monografia analisou o porquê das diferenças de enfoque, por parte dos jornais *Estado de Minas* e *O Tempo*, para as coberturas diárias de Cruzeiro e Atlético. Foi constatado que há diferenças nas coberturas, principalmente pelo jornal *Estado de Minas*, que tem uma tendência mais opinativa, por sua postura editorial, pela reforma gráfica, como verificado na entrevista de seu editor, Cláudio Arreguy. Os textos analisados no jornal, em sua grande maioria, são mais críticos em relação ao Cruzeiro e mais flexíveis e entusiasmados pelo lado do Atlético, como visto no capítulo de análise.

Diferentemente, o jornal *O Tempo* prima pela notícia informativa, mas nota-se, também, pequena tendência em favor do lado cruzeirense, principalmente pelos tamanhos da matéria. Na semana analisada, as coberturas relegadas ao Cruzeiro tiveram mais espaços, mas nada exagerado. A maior diferença entre os dois jornais é que o jornal *O Tempo* não prioriza textos subjetivos, como o *Estado de Minas*. Essa postura do *Estado de Minas* deixa clara a opinião emitida do jornal, principalmente pelo lado do Atlético.

Os resultados obtidos não servem, necessariamente, para obter uma afirmação direta que a imprensa; é favorável ao Atlético. É importante ressaltar que as conclusões aqui referidas dizem respeito apenas ao período analisado, não podendo, portanto, ser estendidas à cobertura de modo geral. Para que o estudo ganhe mais consistência, é preciso que as análises sejam estendidas e os objetos sejam aumentados.

Por mais profissional que seja o jornalista, ele, muitas vezes, não consegue desvencilhar sua paixão clubística de sua ética profissional, principalmente pela convivência diária no clube e, provavelmente, com uma agremiação da modalidade. Esse aspecto da conclusão é bem subjetivo e leva em consideração, logicamente, as posturas éticas que não são apontadas pelos profissionais dos dois jornais.

Os critérios de noticiabilidade ajudam a definir um padrão de mercado para os veículos. Isso impede que o profissional desrespeite o modelo de cobertura estabelecido pela linha editorial de seu noticiário, o que torna as matérias semelhantes em termos de estrutura.

Os dois jornais analisados têm uma padronização estabelecida pelos critérios de noticiabilidade, que é a busca pela veracidade dos fatos, e isso os deixa em situação regular para o leitor. No entanto, as diferenças de enfoque por parte de veículos distintos, para um mesmo fato, ficaram nítidas na análise e estão longe de ser causadas apenas por preferência por uma agremiação ou para privilegiar um clube de um determinado. Motivos de mercado e da própria subjetividade permitida no jornalismo ocasionam as diferenças.

O que não pode ocorrer é a falta da busca da verdade, fato não verificado no material empírico durante a pesquisa. A verdade sobre os fatos esteve mantida nas notícias, e o enfoque, apesar de direcionado para determinada equipe ou não, teve informações essenciais sobre o confronto, como foi verificado na pesquisa. Não foi percebida falta de ética ou desrespeito às regras do

jornalismo quando se elabora um produto de acordo com o perfil do consumidor.

Assim, esta monografia cumpre seu modesto objetivo de reunir um arcabouço teórico suficiente para abraçar importantes elementos jornalísticos dentro dessa prática cada vez mais subliminar, ou seja, recheada de subjetividades. Talvez, por isso mesmo, este trabalho contribui, humildemente, para as ciências da comunicação social pelo fato dele indicar luzes para outras pesquisas da área, principalmente no quesito ético por parte dos profissionais que cobrem o futebol.

REFERENCIAS

AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1997. 5 ed.

BARROS, Clovis Filho. *Ética na comunicação*. São Paulo: Moderna, 2001.

BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, Jaecy. *Respeito ao Cruzeiro*. Jornal Estado de Minas – caderno de esportes, pág. 8. 09 de Novembro de 2007.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: UFMG 1998. 259 p.

FRANZINI, Fábio. *No campo das idéias: Gilberto Freire e a invenção da brasilidade futebolística*. In: Encontro anual da Associação Nacional dos Cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), 26., 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo, Ática, 1999.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *Sociologia do esporte: viradas argumentativas*. In: Encontro anual da Associação Nacional dos Cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), 26., Caxambu. Grupo de Sociologia do Esporte, 2002.

MALULY, L.V.B. *A Tática e a técnica da reportagem esportiva no Brasil*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *O Acontecimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

SALDANHA, João. *O futebol*. Rio de Janeiro: Bloch, 1971. 62 p.

TRAQUINA, Nelson; DIONÍSIO, Luís Manuel. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

WITTER, José Sebastião. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996. 56 p.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999 (parte referente às novas tendências na comunicação – agenda setting e newsmaking)

Web

ARREGUY, Cláudio. (claudio.arreguy@uai.com.br) *Entrevista editoria de Esportes*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida pelo email albertoribe@gmail.com em 30 de abril de 2008. E-mail.

ROSSI, Danielle. (danielle@otempo.com.br) *História do jornal O Tempo*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida pelo email albertoribe@gmail.com em 24 de abril de 2008. E-mail.

TADEU, Rogério. (rogerio.tadeu@otempo.com.br) *Entrevista editoria de Esportes*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida pelo email albertoribe@gmail.com em 15 de maio de 2008. E-mail.